



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil

## Notas de uma orientadora imperfeita: pesquisar, ler e escrever na área de Letras

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

### Resumo

Neste relato de experiência, reflito sobre as atuações como docente e como orientadora de teses e dissertações na pós-graduação em Letras, em uma instituição pública federal tecnológica, focalizando, com afeto e honestidade, alguns elementos do acompanhamento dos processos de escrita desses textos monográficos que consomem alguns anos das vidas das pessoas envolvidas, nem sempre ensejando a emergência de um *ethos* de pesquisador e escritor.

**Palavras-chave:** Orientação; Escrita Acadêmica; Letramento Acadêmico.

Submetido em: 15/01/2021

Aceito em: 25/01/2021

Publicado em: 29/01/2021



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil

**Ana Elisa Ribeiro**



Professora Titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras e no ensino médio. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais, com mestrado, bacharelado e licenciatura na mesma instituição. Autora de, entre outros livros, *Textos Multimodais – leitura e produção* e *Escrever, hoje*, ambos pela Parábola Editorial.



<http://lattes.cnpq.br/7474445800716834>



<https://orcid.org/0000-0002-4422-7480>



<https://cefetmg.academia.edu/AnaElisaRibeiro>

Grupo de  
pesquisa

[Escritas profissionais e processos de edição](#)  
[Mulheres na edição](#)

Programa  
Pós-  
Graduação

Docente do [Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens \(POSLING\) do CEFET-MG](#)

<https://anadigital.pro.br/>



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil

## NOTAS DE UMA ORIENTADORA IMPERFEITA: PESQUISAR, LER E ESCREVER NA ÁREA DE LETRAS

Ana Elisa Ribeiro – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais<sup>1</sup>

Ao longo de nossas vidas escolares e acadêmicas, acumulamos experiências diversas, exercendo papéis e performando identidades também diversos, mas dois deles serão postos em foco aqui: o de estudante e o de professor(a). Ainda que tenha empregado a palavra *acumular*, vou, assim mesmo, em primeira pessoa, preferir outra metáfora para refletir sobre alguns elementos da vida de estudante e professora, evitando a ideia de que o que aprendemos e vivemos vá sendo depositado em algum lugar, trazendo uma imagem de empilhamento e de conservação que não me interessa aqui.

A reflexão que quero fazer e provocar diz respeito às experiências que vamos transformando em conhecimento, queiramos ou não, de maneira consciente ou não, e que vão sendo transformadas, o tempo todo, por outras experiências e aprendizagens. É, nesse sentido, impossível ser estudante e professora sem me dar conta de que a vivência dos processos educacionais, dos letramentos (em muitas dimensões, em especial na escola e na universidade) e da socialização, nesse âmbito, tem relação com as pessoas e com todos os textos com os quais tomamos contato, gostemos ou não, queiramos ou não. As interações que vamos vivendo transformam o que sabíamos antes; e o que ainda saberemos sempre terá chances de mudar o que pensamos saber agora, daí a evitação da ideia de *acúmulo* e a preferência por uma noção de experiência e aprendizagem mais

<sup>1</sup> e-mail: anadigital@gmail.com



dinâmica e mais constante, que inclui, exclui, remodela, recombina e retece nossos saberes, o tempo todo.

Aqui vou usar *experiência* e *vivência* às vezes como sinônimos e afirmar que a experiência como aluna atravessa quase toda a minha existência, daí se pode calcular a importância que ela tem para minha formação como pessoa e profissional; e a atividade de professora já ocupa mais da metade dos meus anos de vida, o que também tem incontornáveis e profundas consequências sobre meus modos de estar no mundo, de enxergar e de pensar, hoje. Nestas notas, quero refletir sobre duas atuações que me cabem como professora no ensino superior e que têm consumido boa parte de meus esforços na interação com pessoas que se formam na área de Letras, em especial na pós-graduação. Vou tratar: de certa faceta de orientadora de dissertações e teses em estudos linguísticos aplicados e no campo da edição; e da atividade como docente que “ensina a escrever”, sem deixar de passar pela necessidade de reensinar a ler, em especial quando as pessoas que estão em contato comigo são também estudantes, docentes e pesquisadores.

## 1 Orientar: abrir bem os olhos para ver

Geralmente, não me preocupo muito em saber das expectativas das pessoas que ficam sob minha orientação, imediatamente quando entram na pós-graduação; não raro elas estão enganadas ou superestimam algo. Também formo minhas expectativas sobre essas pessoas, o que raramente explicito, embora o que eu espero delas possa transparecer quando falo, quando leio e comento trabalhos que levam anos para ficarem prontos.

Tenho ensejado que os pesquisadores e as pesquisadoras sejam mobilizados por suas vontades e seus desejos, as trilhas que eles e elas fazem em busca das respostas às suas perguntas, que raramente são também as minhas ou que apenas às vezes dizem

*Dossiê Pesquisa e divulgação científica na área de Letras*

Revista Trem de Letras	Alfenas, MG	V. 8	n.3	1-18	e021001	2021
------------------------	-------------	------	-----	------	---------	------



respeito ao meu próprio trabalho. O pacto que faço é mais de confiança e de apoio do que o compartilhamento de ideias minhas que devam ser continuadas ou a simples replicação de meus interesses. Talvez eu esteja fazendo tudo errado, mas, a cada defesa, sinto orgulho de perceber as transformações pelas quais passaram as pessoas que ali apresentam seus trabalhos concluídos, geralmente bem avaliados. Se algo de bem-sucedido há nisso, tem mais relação com meu compromisso como incentivadora do que com meus conhecimentos explícitos.

Uma das habilidades que tenho tentado apontar às pessoas com quem dialogo, nessa relação de orientadora, é a visão de oportunidades efetivas de contribuir para a área, seja em aspectos mais teóricos ou mais práticos do campo. Em especial no mestrado, o encontro entre pesquisadores/as iniciantes e as teorias é custoso, demanda esforços de leitura e paciência que geralmente inauguram novas práticas de estudo e de reflexão. Nunca antes, mesmo na graduação, muitas dessas pessoas haviam tido a oportunidade de ler em profundidade alguma teoria ou autor/a, assim como não tinham experimentado uma nova mirada por meio dessas teorias que, afinal, podem funcionar como lentes de ver o mundo ou os fenômenos recortados para estudo e análise. É comum que alterem, sem exagero, seus modos de ver e estar no mundo.

O esforço de reaprender a ler, mergulhando em argumentos, ideias, teses e refutações, costuma ser novidade, mas também significa grande ampliação da visão de quem se propõe esta experiência (e pode levá-la a cabo, em nosso país). Desse esforço, podem decorrer oportunidades, e é sobre elas que quero me deter.

Mais de uma vez, tive a chance de acompanhar o processo de investigação e escrita de pesquisadores e pesquisadoras de mestrado, em suas primeiras experiências como leitores/as de teorias mais extensas e densas, livros em línguas estrangeiras ou escritas de textos muito longos. Em parte dessas experiências, houve um momento em que, ao decalcar uma teoria (de leitura, de discurso, sobre algum objeto) e tentar enxergar



por meio dela o objeto da pesquisa, algo não se encaixava. Para citar um exemplo simples, foi o caso, algumas vezes, de objetos que não cabiam completamente em categorias de análise propostas em obras de autores legitimados/as ou de dados que até mesmo punham em xeque tais categorias, excediam-nas ou deixavam sobras com relação a elas.

A primeira reação de um/a pesquisador/a de mestrado ao se deparar com esta experiência de certa inconciliação, insuficiência ou incompatibilidade entre seus dados e uma teoria é uma mistura de sentimentos: fracasso, incompreensão, medo, desistência, perda. Quando algo assim acontece, é comum que o/a estudante explicita seu medo de não ter estudado e compreendido a teoria, atribuindo-se a culpa por alguma falha talvez incontornável. Os prazos da pesquisa se esvaem e não é possível ter segundas chances. Também ocorre de aventarem a possibilidade de refazer toda a pesquisa, retrabalhar na geração dos dados, refazer a análise ou, no extremo, desistir da teoria, dos dados ou de toda a pesquisa, a fim de encontrar encaixes mais fáceis ou favoráveis em outro trabalho.

A vivência dessa espécie de desespero não me atordoia. A hipótese de que algo tenha saído errado, de fato, no desenho do método, na execução da pesquisa de campo ou mesmo na leitura da teoria e na análise de dados pode se confirmar, mas geralmente não foi o que aconteceu. O que ocorre é, na maior parte das vezes, uma falta de visão ou a percepção de um ponto cego, isto é, que eu percebo, mas o/a estudante, não.

Nessas conversas, que vão se acalmando lentamente, costumamos pedir vistas dos dados, refazer os trajetos da teoria até a mirada sobre o que se pesquisa, a fim de identificar, com clareza, o que não está se encaixando. Afinal, qual é o problema? E o que faremos com ele, caso se confirme? Como abordaremos o pretense problema? Como nos envolveremos nisso, sem desistir de um projeto importante, como um mestrado ou um doutorado? Uma teoria e suas categorias têm de calçar dados como luvas? Ou é possível



e interessante observar fissuras e tensões, atritos e fricções entre nossos objetos de análise e a mirada que escolhemos para ver esses objetos?

Ao rever a pesquisa na fase de análise e verificar que, de fato, algo sobra ou falta, parte dos/as pesquisadores opta por desistir ou mesmo esconder os dados que parecem, até ali, anômalos, falhos, gerados erroneamente, espécie de escória que pode ser dispensada. Exclamam que ali está o problema, um elemento que foge ao esperado, que não confirma integralmente uma teoria ou que não cabe nela e deve ser lançado fora.

Outra parte dos/as pesquisadores, diante desta mesma situação, levanta a cabeça, barthesianamente<sup>2</sup>. Levanta os olhos, reflete e sussurra que algo escapa à teoria ou a algum modelo, o que não quer dizer que precise ser forçado para caber nela e menos ainda dispensado, como se não tivesse existido. É, em geral, esse o elemento que poderá ser convertido numa contribuição. Não acontece em todos os casos e nem precisa ser adivinhado ou perseguido conscientemente, mas quando ocorre, precisa ser visto, examinado e, em casos bem-sucedidos, pode ser transformado em uma categoria nova, uma proposta adicional, o que em outras áreas chamam uma “inovação incremental”<sup>3</sup>. É daí que uma dissertação pode ganhar, além da importância de ser um estudo detido sobre algo, a condição de ser um estudo detido propositivo, que põe a ciência em movimento, em marcha.

O que nos impede, afinal, de fazer isso? Por que este olhar para o que cabe e para o que não cabe pode ser desenvolvido num processo de mestrado, e não antes? Ou no doutorado, em hipótese pior. Que descortinamentos precisaríamos viver antes para que

<sup>2</sup> Aqui tem importância um texto do semiólogo Roland Barthes intitulado “Ler levantando a cabeça”. Foi uma leitura de minha graduação que teve grande impacto naquele momento. Como se vê, é uma leitura que me acompanhou ao longo de minha vida profissional. A edição que aqui cito é de 2004, embora eu tenha lido uma muito anterior, na época de estudante.

<sup>3</sup> Sobre isso, que aqui menciono displicentemente, pode ser interessante ler Tironi e Cruz (2008), sabendo que na área de Letras não gostamos de assumir discursos muito colados às questões econômicas e tecnológicas. Há extensas discussões sobre inovação no campo da ciência e da tecnologia. A inovação incremental é um debate em contraposição à inovação radical, por exemplo, quando se considera a questão binariamente.



nos tornássemos pessoas menos tímidas diante do que nos chega numa apropriação geralmente eurocêntrica e hegemônica? Por que muitos e muitas nos intimidamos quando podemos colaborar, incrementar ou, mais ainda, contradizer?

O avesso do olhar que vê fracasso e desistência quando se depara com a incompletude, a inconciliação ou a insuficiência é, talvez, o olhar que percebe, que identifica não uma falha ou um desvio, mas o olhar que ao menos desconfia de que é possível rever, propor um passo além, a mais ou um detalhamento promissor, incrementar com uma ideia, uma categoria, um elemento a mais no diagrama, posto que entre uma análise e outra algo no mundo sempre pode ter mudado, e os dados que analisamos podem ter sido enriquecidos pelas tramas sociais e humanas.

Para além das percepções e do pensamento, e também sob a influência deles, acontece a escrita. O processo de escrita de uma dissertação ou de uma tese é uma experiência densa, intensa e geralmente aproximada dos sofrimentos, mais do que dos prazeres, infelizmente. Ou podemos identificá-la a um tipo de prazer sofrido, mistura de dor e gozo, pelo qual é preciso passar, de preferência com proveito. É a essa escrita que quero me referir agora, como alguém que passou por ela, mas que, há mais de uma década, também acompanha, por cima dos ombros de outras pessoas, a produção de textos autorais ou semiautorais.

## 2 Orientar 2: escrever um longo texto

É recorrente, em minhas aulas e encontros com orientandos/as, que eu pergunte qual foi o texto mais longo que essas pessoas escreveram na vida. Também quero saber o que já publicaram, que é experiência distinta e que tem efeitos sobre nossos *ethos*. Geralmente, pessoas em doutoramento escreveram uma dissertação, uma única vez, e têm impressões e sentimentos sobre essa experiência; enquanto pessoas em mestrado podem nunca ter escrito mais do que cinco páginas inteiras ao longo de suas vidas





escolares. Vez ou outra, na área de Letras, produziram um breve relatório para as práticas supervisionadas de estágio/ensino ou, quando são bacharéis, tiveram a experiência de escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato que pode variar de instituição para instituição. Em alguns casos, a experiência de produção de textos mais complexos, entre mestrandos e mestrandas, foi com a Iniciação Científica durante a graduação, o que muda completamente suas disposições para a tarefa que têm agora e os torna os mais experientes entre os/as colegas. Esses/as estudantes iniciados/as sabem o que é um texto monográfico, como ele é produzido, ouviram falar em metodologias e instrumentos de pesquisa, enfrentam a experiência de escrever longamente a partir de leituras prévias mais aprofundadas, evitam situações que podem ser consideradas plágio, guardam rancores sobre as “regras da ABNT”, etc. Nesse sentido, colegas que investigam os letramentos acadêmicos têm dado grandes contribuições, e é preciso recorrer às pesquisas na área<sup>4</sup>.

Não é desse tipo de impressão dos/as estudantes que quero tratar. Minha intenção é abordar alguns elementos que costumam aparecer nas defesas de dissertações e teses, mesmo que elas sejam resultado de processos de pesquisa e escrita relativamente longos e refletidos: a ausência de “voz” ou uma voz autoral (um balbucio, que seja), a coragem enunciativa relacionada a esse sussurro (às vezes sequer ele), a cadência do próprio texto de tese ou dissertação, entendido como um produto planejado e editado, a timidez de um *ethos* de pesquisador/a e escritor/a<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Para bons exemplos, ver produções do grupo da PUC Minas e colegas: Assis, Komesu e Fluckiger (2020), já sob os efeitos da pandemia da Covid-19. Também os dossiês Escrita no ensino superior (Assis, Baily; Corrêa, 2017) e Écrire et apprendre à écrire à l’université brésilienne, française et québécoise: questions de recherche en didactique des langues (Bailly; Assis; Deneire, 2016).

<sup>5</sup> Quero agradecer a provocação do colega Marcos Faunner pelo Facebook, quando expressou o incômodo com essa cobrança das bancas de defesas em relação a algo que às vezes simplesmente não foi estimulado ou encorajado durante a travessia do mestrado ou do doutorado. O assunto começou com uma discussão a respeito do texto de outro colega sobre o excesso de referências bibliográficas nas teses e dissertações. Também quero resguardar minha incursão aqui pela complexa



Avizinhada do plágio e das práticas de cópia, mesmo que inadvertidas, a ausência de uma voz autoral é frequentemente apontada em defesas, por bancas que, majoritariamente, apenas naquele momento participam do ritual. Ali, a questão é uma cobrança explícita, apontada como um problema, leve ou não, uma falha na escrita da tese ou da dissertação, mais aguda se for uma tese. A questão é: de onde essa voz sairia? De onde ela provém e em que momento, se não se pôde ouvi-la durante um processo que, em geral, consumiu entre dois e quatro anos?

A gestão do tempo de leitura e escrita, a meu ver, tem relação direta com a emergência dessas vozes que, ao menos nas bancas, devem soar mais altas. A leitura de muitos autores e autoras considerados referência, legitimados pela academia, indicados e recomendados por professores, geralmente oriundos de outras línguas, culturas e ambientes acadêmicos de prestígio, certamente parecem muito mais importantes do que as vozes de quem escreve “com base em”, retirando trechos e preocupando-se em explicitar uma espécie de uníssono, em coro com trechos que lê, recolhe e replica, com todas as indicações bibliográficas. É assim que temos feito, inclusive nos processos de doutoramento.

Durante algum tempo, a leitura, a revisão da literatura (que vejo como muito necessária) e a teorização são uma espécie de coleta, recolha, captura, colecionamento de elementos que ajudarão na construção de um edifício seguro, embora pouco autoral. A leitura que não acontece em processos concorrentes com a escrita costuma ser feita em um estágio anterior, sem a experiência da anotação, do diálogo na margem, das interrogações sem respostas, dos ensaios de reorganizações, proposições e redesenhos. Com que segurança se pode fazer isso? Alguém certamente dirá: quem tem esses talentos ou como eles emergem?

---

e variada noção de autoria ou de texto autoral. Muitas e muitos colegas têm debatido seriamente sobre isso, a exemplo da profa. Luciana Salazar Salgado (UFSCar). Aqui, não me atrevi tanto e nem me delonguei.



Para sair do simples eco, da repetição quase inanimada, é preciso construir um conhecimento, acessá-lo de fora, com certo ânimo corajoso, a fim de emitir algo que se emaranhe com o lido e aprendido, mas que resulte em um contracanto, em uma voz que sobressai, ainda que a melodia principal esteja lá e seja outra. Como participar de processos assim? De uma educação de pesquisadores/as que se sintam escritores/as, e não apenas pessoas que relatam e costuram retalhos que cataram na vizinhança? Quando é que essa liga entre panos e linhas resulta uma peça interessante? E que influência tenho eu nesse aprendizado? Devo considerá-lo um aprendizado fortuito, ao azar? Ou devo considerar que seja parte de minhas atribuições como professora e orientadora, imperfeita e atribulada?

Nos tempos compactados e corrediços que pesquisadores e pesquisadoras em formação têm feito suas teses e dissertações, talvez seja justo dizer que não há grandes chances de emergência de um *ethos*, de fato, e não apenas de uma coleção de publicações ou quase-publicações meramente prestadoras de contas<sup>6</sup>. E não apenas esses estudantes passam por isso, mas professores e professoras instalados e acuados, num sistema que vai se tornando dinamicamente mais exigente e mais excludente, com linhas de corte cada vez mais altas.

Considerando as vivências de salas de aula, de matérias e créditos feitos à exaustão, e nem sempre muito pertinentes aos projetos de pesquisa de todos e todas, por que a escrita muitas vezes não condiz com o esperado pela banca? Por que algum tempo pode ser gasto, ali, nos apontamentos sobre as vírgulas e as citações, quando poderia ser empregado e investido na discussão de uma ideia ou de um incremento de fato

<sup>6</sup> Cabe aqui a discussão sobre o produtivismo... o mecanismo massacrante no qual estamos envolvidos, esmagados pelos dentes destas engrenagens. Embora possamos ser críticos, geralmente não podemos levar às últimas consequências uma dissidência. Ver, por exemplo, a discussão em: Alcadipani (2011), Trein e Rodrigues (2011), Machado e Bianchetti (2011), Regoll (2014), Bernardo (2014), Zuin e Bianchetti (2015) e mesmo o editorial da revista *Psicologia em Estudo* (Domingues, 2013).



interessante? O que as práticas elitistas (sim, vou chamá-las assim) ainda podem fazer por pessoas que se formam em alto nível, mas não poderão executar todas as leituras e produções com excelência, às vezes sequer com honestidade? E em que as práticas produtivistas concorrem para a formação de um pesquisador ou uma pesquisadora que ainda não se identificam ou sentem assim?

Começos de disciplinas em que entregamos planos de curso e listas intermináveis e irreais de indicações bibliográficas que não serão acessadas, lidas e/ou discutidas com algum vagar; trabalhos finais na forma de artigos inviáveis, sem lastro, sem leituras apropriadas, cabíveis, entregues apenas para a obtenção retardatária de uma nota que não se converterá em uma publicação razoável (ou sabemos que apenas em alguns raros casos); solicitações de trabalhos sem maturação, sem a visão mais integral de textos (lidos fragmentariamente), que resultam em quase-artigos ou quase-ensaios quase-lidos pelo/a professor/a, que atribuirá uma nota sem parecer, sem feedback ou com uma anotação diferente do que um parecerista faria, num caso real de submissão.

Em relação, novamente, aos rituais de “defesa”, quero acrescentar que tenho solicitado aos pesquisadores e pesquisadoras que explicitem os diálogos com a banca em suas versões finais. Há anos, sinto um estranhamento quando modificações importantes são feitas, sem que o crédito seja dado ao diálogo que as originou. Por que tais intervenções não deveriam aparecer, ao final de um processo que inclui, de fato, a interação com uma banca de especialistas? Recomendo sempre que mudanças importantes ou que consideramos relevantes, sugestões e correções teóricas ou de análise, por exemplo, sejam explicitadas em notas de rodapé, quando é o caso. Às vezes, tais indicações podem vir no corpo do texto, expressando e creditando um diálogo que ocorreu e fez diferença para um texto e um/a pesquisador/a, não raro para todas as pessoas ali envolvidas. Por que não escrever um agradecimento à professora que sugeriu a mudança de uma categoria, de um nome, de um trecho ou a correção de um elemento?

*Dossiê Pesquisa e divulgação científica na área de Letras*

Revista Trem de Letras	Alfenas, MG	V. 8	n.3	1-18	e021001	2021
------------------------	-------------	------	-----	------	---------	------



Esses registros de diálogos e incrementos me parecem pontos altos dos processos de construção de conhecimento e de formação de pesquisadores, em todos os níveis, mesmo na fase dita final de um processo de alguns anos.

Tendo a considerar que os textos ou as experiências de escrita mais poderosas para a construção de uma tese ou dissertação têm relação com a produção de itens como resenhas, que adicionalmente obrigam, em tese, à leitura de livros inteiros, coisa infelizmente incomum; textos reflexivos breves que discutam algum ponto crucial de uma teoria a ser compreendida e implicada em um trabalho que se constrói; leituras panorâmicas que passem em revista os trabalhos semelhantes e mais recentes, retomando a ideia de “revisão da literatura” ou “estado da arte”, a meu ver única possibilidade de alguém adentrar honestamente um campo, desviando-se de tentações deploráveis como a de declarar ineditismos e revoluções que são, afinal, apenas falta de leitura e retrovisão.

Enquanto um/a pesquisador/a se esforça para produzir um trabalho de dez ou quinze páginas sem efeitos interessantes para sua tese ou a formação de seu *ethos* de escritor/a, perdemos a chance de deparar com proposições e reflexões mais interessantes e surpreendentes, algo que, no fundo, consideramos apanágio de outros continentes e outras latitudes, quando não de outras áreas do saber.

Mestrandos/as e doutorandos/as na área de Letras, no século XXI, no Brasil, são pessoas adultas, cujas vidas atribuladas logo se revelam, cujos envelhecimento e adoecimento ocorrem sob nossos olhares, ao longo dos processos de pesquisa que temos a tarefa de orientar, supervisionar e acompanhar, evitando nosso próprio adoecimento. Nem menos, nem mais, embora não haja restrições nem limites para qualquer lado, ao menos explicitamente. Orientações têm seus estilos e suas dinâmicas, que são imprevisíveis e que se constroem no decorrer das pesquisas e das escritas. Não há outra forma de experimentar isso.

*Dossiê Pesquisa e divulgação científica na área de Letras*

Revista Trem de Letras	Alfenas, MG	V. 8	n.3	1-18	e021001	2021
------------------------	-------------	------	-----	------	---------	------

ISSN 2317-1073



## Conclusões móveis

Há alguns anos, em minha instituição, um garoto do ensino médio, em processo de pesquisa com bolsa de iniciação científica júnior, percebeu uma questão relevante e propôs uma melhoria em motores a jato. Já era século XXI, numa escola pública federal técnica. Esse estudante foi incentivado a participar de uma série de eventos nacionais e internacionais, recebeu todos os fomentos possíveis, de várias ordens, e afinal tornou-se estudante em uma famosa universidade estrangeira. Há tantos elementos interessantes para nossa reflexão sobre essa história... que considero melhor admitir minha incapacidade de expressar todos os pontos que nisso me incomodam, me preocupam e me encantam, a começar pelo fato não desprezível de que fosse um garoto, com uma bolsa de iniciação científica desde muito jovem, incitado a ser inteligente e a antever seu futuro promissor na área técnica.

Há algumas décadas, era possível que existissem professores e professoras universitários cujas atuações não coincidissem, obrigatoriamente, com a de pesquisadores e a de escritores/publicadores. Nos anos que correm, em especial depois da década de 1990, essa condição é quase extinta. Muitos pesquisadores de outras gerações se aposentaram, o modo de funcionamento desta grande engrenagem mudou e as pessoas que iniciam suas carreiras docentes universitárias são compelidas a dar muitas aulas, pesquisar e publicar, caso se credenciem em programas de pós-graduação cujos compromissos com a ciência de sua área varia mais conforme as regras das agências reguladoras do que de acordo com alguma cadência ligada à emergência de conhecimentos e olhares novos, em especial quando atuamos desde contextos desiguais e colonizados.



Desde o primeiro dia de aula e supervisão, faço saber que sou uma orientadora imperfeita, mas que favorecerei trilhas de leitura e escrita para os/as que querem experimentar uma caminhada vigorosa, embora bastante autônoma e diligente, além de explicitar minha angústia por fazer parte desta armadilha labiríntica que o ambiente acadêmico erigiu, esta engrenagem dentada que consome nosso tempo, nossas energias criativas, sem prover que sejamos de fato pensadores/as e propositivos/as, na maioria dos contextos que nos empregam e controlam, em especial se atravessarmos contextos políticos ainda menos favorecedores do tempo escrevente e necessariamente pensante.

## Referências

ALCADIPANI, Rafael. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. *Cad. EBAPE.BR*, v. 9, n. 4, opinião 3, Rio de Janeiro, p. 1174-1178, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n4/15.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2021.

ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; FLUCKIGER, Cédric. *Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo* V. 4. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. Disponível em: <<https://issuu.com/cespuc-centrodeestudoslusofra/docs/praticas-discursivas-v4>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ASSIS, Juliana Alves; BAILLY, Sophie; CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Escrita no ensino superior: ensino e pesquisa. *Scripta*, v. 21, n. 43, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/946>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

BAILLY, Sophie; ASSIS, Juliana Alves; DENEIRE, Marc Deneire. *Mélanges Crapel: Revue en didactique des langues et sociolinguistique*, n. 37/1, 2016. Disponível em: <<http://web.atilf.fr/spip.php?rubrique635>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERNARDO, Márcia Hespagnol. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe.), p. 129-139, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe/14.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.



- DOMINGUES, Eliane. Editorial. Autoria em tempos de “produtivismo acadêmico”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 195-198 abr./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v18n2/a01v18n2.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- MACHADO, Ana Maria Netto; BIANCHETTI, Lucídio. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. *RAE*, São Paulo, v. 51, n.3, p. 244-254, maio/jun. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rae/v51n3/v51n3a05.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- REGOLL, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 325-346, abr./jun. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v40n2/v40n2a03.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2021.
- TIRONI, Luís F.; CRUZ, Bruno de O. Inovação incremental ou radical: há motivos para diferenciar? Uma abordagem com dados da PINTEC. *Repositório de Conhecimento do Ipea*, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1537/1/TD\\_1360.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1537/1/TD_1360.pdf)>. Acesso em: 14 jan. 2021.
- TREIN, Euníce; RODRIGUES, José. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16 n. 48, p. 769-819, set.-dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a12.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- ZUIN, Antônio A. S.; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 158, p. 726-750, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/3294/pdf.2>>. Acesso em: 10 jan. 2021.





## Notes from an imperfect advisor: search, read and write in the Linguistics

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

### Abstract

In this experience report, I reflect on the performance as a teacher and as a supervisor of theses and dissertations in the postgraduate studies in Linguistics, in a federal technological public institution, focusing with affection and honesty some elements of the monitoring of the writing processes of these monographic texts that consume some years of the lives of the people involved in it, not always giving rise to the emergence of an ethos of researcher and writer.

**Keywords:** Supervision; Academic Writing; Academic Literacy.



## Notas de una directora imperfecta: investigar, leer y escribir en las Letras

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

### Resumen

En este relato de experiência, reflexiono sobre mi actuación como docente y como supervisora de tesis y disertaciones en el curso de posgrado en Letras, en una institución pública tecnológica federal, enfocando con cariño y honestidad algunos elementos de los procesos de redacción de estos textos monográficos que consumen algunos años de la vida de las personas ahí involucradas, ni siempre dando lugar al surgimiento de un *ethos* de investigador y escritor.

**Palabras clave:** Dirección de Tesis; Escritura Acadêmica; Letramento Acadêmico.